

## EDUCAÇÃO BILÍNGUE - PRECONCEITOS E VERDADES

Tamires Huguenin Correa  
Mestrado/UFF  
Orientadora: Telma Pereira

Neste artigo, pretendemos defender a educação bilíngue e sua abordagem CLIL (Content and Language Integrated Learning) como uma forma eficaz de ensino de língua estrangeira, já que o aluno aprende a língua alvo por meio do aprendizado de outros conteúdos, o que torna as aulas mais interativas e motivadoras.

No entanto, o bilinguismo, ou seja, a capacidade de se comunicar em duas línguas sofreu muito preconceito ao longo da história das abordagens de ensino.

Vale também analisar que a "interferência" da língua materna era vista como prejudicial à aprendizagem da língua alvo e aquela deveria ser abolida das aulas. Assim, percebe-se que a noção de língua era a de algo estanque, homogêneo e fechado em si mesmo. Defendia-se o purismo linguístico, o qual seria a não influência de outras línguas que "corromperiam" umas as outras. Tal crença foi muito forte até meados dos anos 80 e ainda apresenta muitos resquícios e praticantes até os dias atuais. No Brasil de hoje, por exemplo, é muito comum encontrar muitos pais que se preocupam com o fato de seus filhos começarem cedo a aprender outro idioma, pois isso poderia "atrapalhá-los" na aprendizagem do português. Pretendemos mostrar que, na verdade, a aprendizagem de línguas na infância pode ser benéfica para a criança.

Para isso, sabendo-se que há muitas maneiras para o ensino de língua estrangeira em escolas e cursos livres, é importante analisar a concepção de língua que cada metodologia possui. Com esse objetivo, faremos primeiramente, um apanhado histórico e após isso, analisar os preconceitos contra o bilinguismo (originários de metodologias antigas) que ainda permanecem no ensino atual.

De acordo com Selma Centauro (2014), a metodologia tradicional, por exemplo, que vigorou quase exclusivamente até o início do século XX, servia para ensinar as línguas clássicas como o grego e o latim. A ideia de saber uma língua era dominar sua gramática tradicional e o ensino, portanto, tinha o objetivo de expor e

---

cobrar a memorização por parte do aluno das regras. O professor exercia o papel de autoridade e a interação professor-aluno era quase inexistente (GERMAIN, 1993).

Até aproximadamente a década de 40, o principal objetivo da aprendizagem da língua estrangeira era o ensino do vocabulário. A ênfase era dada à palavra escrita e aos exercícios de tradução. Porém, com a entrada dos americanos na Segunda Guerra Mundial nos anos 40, o exército sentiu a necessidade de produzir rapidamente falantes fluentes em outras línguas. Para isso, foi lançado em 1943, um grande programa didático que deu origem ao "método do exército", o qual se desenvolveu no que é hoje conhecido como metodologia áudio-lingual.

Os princípios básicos desta abordagem eram a ênfase na habilidade oral, não mais na escrita. Além disso, a língua era vista como um conjunto de hábitos condicionados que se adquiria através de um processo mecânico de estímulo-resposta, baseado na psicologia behaviorista de Skinner na linguística distribucional de Bloomfield. Os principais exercícios desta abordagem são "drills" automáticos e a língua materna é completamente abolida das aulas, vista como uma interferência negativa.

Porém, enquanto nos Estados Unidos ainda se dava ênfase ao código da língua, ao nível da frase (com Bloomfield e Chomsky, por exemplo), na Europa os linguistas enfatizavam o estudo do discurso. A língua passou então a ser analisada como um conjunto de eventos comunicativos. Trata-se de ensinar o aluno a se comunicar em língua estrangeira e a adquirir uma competência de comunicação.

Pela primeira vez, o professor deixa de ocupar o papel principal no processo ensino-aprendizagem, de detentor único do conhecimento, para assumir o papel de orientador, facilitador das atividades em classe. Este fator contribuiria para baixar o filtro afetivo, como afirma Krashen (1982: 50-95), favorecendo, portanto, a aprendizagem.

Por fim, temos a metodologia natural, a qual tem o objetivo de desenvolver a aquisição (uso inconsciente e muito produtivo das regras gramaticais) da língua em vez da aprendizagem (memorização das regras). O aluno passa a ser responsável por aprender a língua por meio de muita exposição a ela. Os erros são vistos como algo inevitável e que podem ser usados no processo construtivo de aquisição da língua. O uso da língua materna tão pouco é condenável e faz parte do processo.

---

Cabe ressaltar que, por conta, desta diversidade de metodologias no ensino de língua, também há muita divergência nessa área sobre o que se deve ou não fazer em sala de aula e muitos preconceitos, como o uso de língua materna, ainda reinam neste campo seja pelos professores, pais de alunos ou próprios alunos que se condenam, muitas vezes, por pedir a tradução de uma frase ou palavra. Todo este âmbito será discutido posteriormente.

A educação bilíngue, com sua abordagem CLIL (Content and Language Integrated Learning) se encaixaria na metodologia natural e vale, por agora, analisá-la em detalhes.

### **Educação bilíngue e a abordagem CLIL**

Hoje em dia, as regiões e países que possuem um contexto bilíngue frequentemente optam por uma educação condizente com a realidade linguística, a fim de valorizar os idiomas envolvidos. Decisões acerca das línguas envolvidas na educação são, não apenas pedagógicas, mas também políticas, muitas vezes. Em outras regiões, além dos métodos que visam a contemplar o contexto bilíngue já existente, há instituições que se propõem a oferecer uma educação bilíngue em comunidades *monolíngues*. Todos esses elementos dinâmicos e a situação de crescente intercâmbio cultural e linguístico incitam a afirmação de que a educação bilíngue é “*o único modo de educar crianças no século XXI*” (GARCIA, 2009: 5)

É possível reconhecer que a forte herança que temos em nossa história de metodologias famosas como a áudio-lingual provocaram uma crença de que a confluência de línguas e, principalmente, a influência da língua materna são extremamente prejudiciais ao ensino, já que cada língua seria um sistema puro e perfeito em si mesmo, passível de ser aprendido via repetição de sentenças e exercícios massacrantes de “drills”. Para confrontar essa visão, temos a educação bilíngue e sua abordagem CLIL, as quais serão analisadas em detalhes a partir de então.

O conceito de educação bilíngue é bem amplo e complexo. Para Harmers e Blanc (2000: 189) descrevem Educação Bilíngue como “qualquer sistema de educação escolar no qual, em dado momento e período, simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas línguas.”

---

Segundo Anne-Marie de Mejía (2002: 102), há três programas básicos de Educação Bilíngue reconhecidos na literatura, os quais seriam o *programa de transição*, o *programa de manutenção* e o *programa de enriquecimento* (“*enrichment*”).

No entanto, é o último programa que mais nos interessará neste trabalho. O *programa de enriquecimento* pretende ampliar os conhecimentos da primeira língua, bem como, desenvolvê-los em uma segunda língua. Esse tipo de educação encoraja não apenas o desenvolvimento do indivíduo nas duas línguas, como também o pluralismo cultural.

Ofelia García (2009a: 6) concorda com essa explicação e diferencia a educação bilíngue do ensino tradicional de línguas:

Na maior parte, esses programas de língua estrangeira ensinam a língua como uma matéria, enquanto os programas de educação bilíngue usam a linguagem como um meio de instrução, ou seja, programas de educação bilíngue ensinam conteúdo através de uma língua adicional diferente da língua das casas das crianças.

Em outras palavras, a Educação Bilíngue se foca não só na aquisição de línguas adicionais, mas também em ajudar os alunos a se tornarem cidadãos globais e responsáveis, já que aprendem a lidar entre culturas e mundos, fazendo da prática acadêmica algo pleno de significado e compreensível para milhões de crianças cujas línguas domésticas são diferentes da língua dominante da escola ou da sociedade em que vivem.

Muitas abordagens foram propostas para a educação bilíngue. Entre elas, damos especial atenção à abordagem CLIL (Content and Language Integrated Learning), propõe um ambiente onde o aluno seja o protagonista do processo de aprendizagem e tome consciência disso ao mesmo tempo em que propõe que esse tenha a sua motivação inata ativada para a noção de que pode transformar o processo de aprendizagem em um processo prazeroso uma vez que saiba os motivos para o qual está participando. Quando utilizamos a expressão “motivação inata” nos referimos ao conceito de Carl Rogers que afirma que:

o jovem é intrinsecamente motivado e em alto grau. Muitos elementos de seu meio ambiente constituem desafios para ele [...] nossa tarefa como facilitadores de aprendizagem, é a de suscitar essa motivação, descobrir que desafios são reais para o jovem e proporcionar-lhe a

---

oportunidade de enfrentá-los (ROGERS, 1986: 131 apud MIZUKAMI, s/d: 44)

Portanto, nessa perspectiva, nenhum aluno precisa ser motivado e sim ter a sua motivação natural intrínseca explorada para o avanço do seu processo de ensino.

Além de todas as razões já mencionadas para o uso de uma prática de ensino de língua mais flexível e coerente com o mundo em que vivemos, podemos identificar e apresentar um fator de bastante relevância que se caracteriza por conta de um intenso imediatismo que circunda as novas gerações: segundo (GARCÍA, 2009: 14), esse fator poderia ser representado pelo dito: “Aprenda enquanto usa, use enquanto aprende”. Tornou-se necessário implantar um caráter de utilidade total já infiltrado hoje em dia em nossa sociedade, também nos moldes da educação, o que sem dúvida foi criando andaimes necessários para a criação dessas novas propostas da educação.

Vale a pena dizer que, na abordagem CLIL, a necessidade do uso da língua materna por parte do aluno (interlanguaging) é respeitada, os alunos não são condenados por isso como em muitas metodologias, mas sim, encorajados a usarem mais e mais a língua alvo.

Como exemplo, no projeto de pesquisa “Educação bilíngue: compreensão dos processos de aquisição da linguagem e a capacitação de profissionais especializados”, da Universidade Federal de Juiz de Fora, foi iniciado um estudo etnográfico numa instituição de ensino de língua. Nas notas de campo e notas expandidas (NE) dos pesquisadores, podem ser observadas manifestações linguísticas interessantes e que servem como dados a serem analisados. A seguinte interação observada na referida instituição foi registrada e documentada pelos pesquisadores:

Fizemos, a professora e eu, exercícios de alongamento e convidamos os alunos a fazerem também. Todos fizeram, menos Giovanini, que estava muito desanimado. Na hora em que foram falar sobre as “shapes” dos tapetes, a teacher enunciou “rectangular”, e perguntou ao menino ao lado qual era o shape de seu tapete. Um outro disse: “quadrader!”. (NE 20)

Nessa situação, o aluno que usou a palavra “quadrader” por uma influência clara do português não foi julgado por isso. Vemos que enquanto no ensino tradicional de língua, o fenômeno da “*interlanguaging*” é, em geral, reprimido e considerado prejudicial à aprendizagem da língua em aquisição, na Educação Bilíngue, estes

---

momentos são respeitados por serem considerados uma questão de desenvolvimento linguístico baseado numa interlinguagem construída para dar conta daquele momento específico.

### **Preconceitos em relação ao bilinguismo e à educação bilíngue**

A educação bilíngue, como vimos, incentiva o bilinguismo. Porém, o mesmo sofreu grandes preconceitos por questões políticas, econômicas e por herança de metodologias de ensino mais atrasadas.

Segundo Carla de Aquino (2009: 231-240), ainda recentemente, há aproximadamente 30 anos, acreditava-se que o bilinguismo fosse uma espécie de distúrbio cognitivo que gerava fracasso escolar em seus portadores. Essa suposição era baseada em estudos com filhos de imigrantes nos Estados Unidos que faziam uso regular de duas ou mais línguas e tinham desempenho inferior na escola. Atribuía-se ao bilinguismo a razão do fracasso. Despreza-se o fato de que o bilinguismo não é apenas o conhecimento ou uso de uma língua, ele envolve muito mais do que isso. Diz respeito às atitudes de um povo em relação ao meio social e à cultura.

Cruz-Ferreira (2006: 70-112) defende que o bilinguismo e o monolinguismo são dois tipos diferentes de uso da linguagem e, ainda, discute a crença de que a exposição a apenas uma língua é garantia de sucesso na aquisição e de uma excelente competência linguística. A crença de que o monolinguismo seria a forma natural e a regra para a aquisição é colocada em cheque, já que a pesquisadora acredita que é a necessidade de comunicação e a exposição a contextos que irão tornar uma criança bilíngue, assim como a monolíngue vai aprender a utilizar apenas uma língua por não ter necessidade de mais do que isso.

A respeito da concepção de bilinguismo como causador de desvios patológicos que afetariam o desenvolvimento de crianças, a pesquisadora afirma que durante muito tempo se acreditou que, assim como a surdez, a cegueira e alguns distúrbios, o bilinguismo fosse um fator clínico que influenciaria o desenvolvimento dos indivíduos de forma negativa, causando danos.

Daí a origem de preocupações bastante comuns de pais a respeito de incentivar ou não o bilinguismo dos filhos sem saber que tipos de malefícios isso poderia trazer para as crianças.

---

Outro ponto importante abordado nos estudos sobre o bilinguismo é o do empréstimo ou da mistura de línguas, mais conhecido na literatura como *codeswitching*. No histórico dos estudos sobre o assunto, esse fenômeno tem sido comumente tomado como um prejuízo resultante do bilinguismo. Ou seja, a mistura é vista como impura, como mau uso da língua. Para tal concepção, um bom bilíngue seria aquele que consegue isolar completamente as duas línguas, ou apaga uma delas enquanto se comunica na outra.

Esse fato vai ao encontro da ideia de que o monolinguismo é o estado ideal do indivíduo e de que os bilíngues seriam indivíduos com capacidades inferiores. Entretanto, Cruz-Ferreira argumenta em favor da impossibilidade de não misturar ou emprestar – este último termo sem a conotação negativa do primeiro – em um mundo multilíngue como este em que vivemos. Outras experiências de comparação entre indivíduos mono e bilíngues da década de 60 apontam para uma desvantagem dos indivíduos bilíngues em uma das línguas em relação aos monolíngues, decorrente da crença anteriormente citada de que bilíngues deveriam ter o mesmo nível de competência nas duas línguas que um monolíngue. Dessa forma, o bilinguismo continuava sendo pensado como inferioridade linguística.

No entanto, atualmente, diversas são as pesquisas que visam comparar tanto habilidades linguísticas e metalinguísticas de indivíduos mono e bilíngues como o desenvolvimento cognitivo de ambos. Bialystok (1991,1995, 1997, 1999, 2001, 2006), atual referência em estudos desse cunho, apresenta resultados de diversos trabalhos em que bilíngues parecem ter melhor desempenho em tarefas nas quais precisam de interpretações mais flexíveis. Parece que eles teriam mais facilidade de enxergar coisas de mais de uma forma, como lhes seria exigido em testes com figuras ambíguas, e, além disso, de lidar com informações conflitantes. (apud AQUINO)

### **Confrontando esses preconceitos- benefícios do bilinguismo e da educação bilíngue**

Para Cristina Flores (2009: 32), contrariamente ao estereótipo mais corrente, é um fato bem explícito que na realidade atual, o monolinguismo é a exceção.

A partir desta constatação, deve passar a existir um olhar que favoreça naturalmente a educação bilíngue, partindo do pressuposto de que o bilinguismo não só deve ser considerado com o respeito devido aos falantes bilíngues, mas também deve

---

ser praticado, incentivado e promovido junto aos monolíngues pelos diversos benefícios que ele possui em âmbito social, cognitivo, acadêmico, cultural e muitos outros.

Nesse aspecto, são muitos os benefícios sociais do bilinguismo, quer em termos de acesso aos bens sociais, quer em termos de comunicação e de consolidação da empatia na relação com os outros e com as suas culturas, línguas e idiossincrasias.

Segundo Bourdieu (1998: 24), o conhecimento linguístico é um capital simbólico, o qual é um elemento indicador de prestígio que pode ser convertido em dado momento em capital cultural ou econômico, na medida em que os acessos a estas outras modalidades de capital são facultadas pelo efeito de valorização exercido pelo indivíduo que o detém.

No que se refere ao aspecto cognitivo, segundo Bialystok (2007: 215):

Crianças bilíngues têm uma habilidade aprimorada de controle do uso de seu conhecimento em desempenho (...) Essa experiência nos processos de controle as fazem mais eficientes para outros usos, mesmo usos não linguísticos.

Vários outros estudos como o de Green (1998: 15) sugerem uma diferença entre indivíduos mono e bilíngues nos processos de atenção seletiva e de controle inibitório. Essa maior facilidade de foco na atenção e de controle sobre respostas diferenciadas que surjam, fazendo uma seleção adequada do que deve ser valorizado em determinado contexto, é atribuída exatamente ao fato de os indivíduos que tiveram melhor desempenho nas tarefas serem bilíngues.

Segundo o autor, a necessidade de seleção de informações enquanto há duas línguas concorrentes no cérebro-mente da criança dá a ela uma maior habilidade para lidar com as tarefas que exigem maior grau de concentração e controle inibitório.

A atenção acrescida dada à língua e à linguagem, motivada pela prática bilíngue, parece estar na origem de outras vantagens de caráter linguístico que assentam numa desenvolvida consciência linguística e na precoce capacidade metalinguística dos falantes bilíngues.

Para Bialystok (2005: 592), o bilinguismo nunca confere uma desvantagem para as crianças. E se o bilinguismo, com suas múltiplas vantagens, merece ser promovido, um dos locais privilegiados dessa promoção é a escola, através da educação bilíngue.

---

## Considerações Finais

A partir das ideias acima defendidas, foi possível reconhecer os benefícios do bilinguismo e, por extensão, da educação bilíngue. Faz-se importante que a ótica do monolinguismo e da uniformidade linguística sejam abandonadas em prol de um maior respeito às diversidades linguísticas no mundo e a valorização deste saber.

Neste sentido, a educação bilíngue possui um papel primordial nessa mudança de perspectiva, assim como, em ajudar os alunos a se tornarem cidadãos conscientes e responsáveis, já que aprendem a lidar entre culturas e mundos, fazendo da prática acadêmica algo pleno de significado e compreensível para milhões de crianças cujas línguas domésticas são diferentes da língua dominante da escola ou da sociedade em que vivem.

## Referências

AQUINO, Carla de. *Uma discussão acerca do bilinguismo e do preconceito linguístico em populações bilíngues no sul do Brasil*. Letrônica. v. 2, n. 1, p. 231 - 240, julho 2009.

BIALYSTOK, Ellen. *Letters, sounds, and symbols: Changes in children's understanding of written language*. Applied Psycholinguistics, v.12, p.75-89, 1991.

\_\_\_\_\_. *Making concepts of print symbolic: Understanding how writing represents language*. First Language, v.15, p.317-338, 1995.

\_\_\_\_\_. *Effects of bilingualism and biliteracy on children's emerging concepts of print*. Developmental Psychology, v.33, p.429-440, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cognitive complexity and attentional control in the bilingual mind*. Child Development, v.70, p.636-644, 1999.

\_\_\_\_\_. *Bilingualism in Development: Language, Literacy, and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. The impact of bilingualism on language and literacy development. In: BHATIA, T.; RITCHIE, W. (Eds.) *The handbook of bilingualism*. New York: Blackwell, 2006, p.577-601.

BOHN, H. e VANDERSEN, P. *Tópicos de Linguística Aplicada*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

---

CENTAURO, Selma Alas Martins. *O ensino de língua estrangeira: história e metodologia*. In: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>. Data de acesso:12/04/2014.

CRUZ-FERREIRA, Madalena. *Three is a Crowd? Acquiring Portuguese in a Trilingual Environment*. Multilingual Matters LTD, 2006.

FLORES, Cristina (Org.). *Múltiplos olhares sobre o bilinguismo*. Transversalidades II. Coleção Hespérides. Universidade do Minho, v.9, 2009.

GERMAIN, C. *Evolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*. Paris: Clé International, 1993. (Col. Didactique des langues étrangères)

GARCÍA, O. *Bilingual education in the 21st century: a global perspective*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009a.

\_\_\_\_\_. *Becoming Bilingual in School from children's angle*. Plenária 3. 3<sup>rd</sup> Bilingual Brazilian Schools Conference. São Paulo. 2009b.

HAMERS.J.F. & BLANC, M.H.A. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge University Press, Cambridge, 1989.

KRASHEN, S. D. *Principle and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

MEJÍA, A.-M. de. *Power, Prestige and Bilingualism*. Clevedon, UK: Multilingual Matters Ltd, 2002.

MIZUKAMI, M. da G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. SP: EDU, s/d